Empresas alemãs conquistam a copa da globalização
Bertrand Benoit e Richard Milne

A Alemanha, como a maioria das nações industrializadas, sofre com os perigos da globalização. A competição global aquecida está sendo apontada como a culpada pelo alto nível de desemprego e pelo fraco crescimento. São comuns os clamores pela intervenção estatal para proteger a indús tria, os empregos e o estilo de vida.

Mas pergunte ao capitão Kõhler e ele contará uma história diferente. Para esse marinheiro aposentado e administrador de portos, a globalização é a melhor coisa que aconteceu ao país em muito tempo. "Olhe para essa força", diz admirado, junto à estrutura vermelha de um guindaste de contêineres de 80 m de altura. O terminal Eurogate é um dos quatro portos de contêineres de Hamburgo — em breve serão cinco—e está entre as maiores histórias de sucesso recentes dessa próspera cidade. Desde 2000 o tráfego de carga no segundo maior porto comercial da Europa dobrou graças ao aquecimento do comércio internacional. Até 2015, deve dobrar novamente.

Tudo aqui está ficando maior: contêineres; navios (do Panmax, o maior capaz de atravessar o Canal do Panamá, ao Pós-Panmax e ao Superpós-Panmax); e, claro, por-têineres (para carregar e descarregar os contêineres), feitos na China. O porto está em expansão permanente. "Se eu fico fora por duas semanas, não consigo mais me localizar aqui", brinca Kõhler.

A primeira viagem de Angela Merkel à China como premiê foi mais do que um acontecimento diplomático importante. O encontro de políticos e empresários indiscutivelmente uniu os dois maiores beneficiados pela globalização.

É um segredo bem guardado, mas, apesar dos dados econômicos nada excepcionais da Alemanha, nenhum outro país industrializado aproveitou tão bem as oportunidades oferecidas pela interligação da economia global.

Esse país de médio porte e 80 milhões de habitantes, sempre retratado como movido pela ansiedade, avesso ao risco e alérgico a mudanças, vem sendo o maior exportador de produtos manufaturados do mundo a cada ano, desde que superou os EUA em 2003.

Em 2004, ano mais recente com dados comparáveis, as empresas alemãs exportaram quase US$ 1 trilhão em produtos, quase tanto quanto Reino Unido, França e Holanda juntos. Seu superávit comercial foi seis vezes o da China.

As exportações se tornaram o principal propulsor do crescimento alemão. Hoje, 9 milhões de em pregos dependem diretamente delas, e elas geram 40% do PIB do país. "Cada segundo emprego cria do aqui é para as exportações — a Alemanha seria uma economia sem importância sem as exportações", afirma Klaus Kleinfeld, diretor-presidente da Siemens.

Mesmo assim, as exportações contam apenas parte da história. Com € 1,2 trilhão, as vendas das subsidiárias estrangeiras das companhias alemãs superam hoje as exportações. Empresas do índice Dax-30, da Bolsa de Frankfurt, conseguem três quartos de suas receitas no exterior. Em 2004, as empresas alemãs investiram € 584 bilhões e empregaram 4 milhões de pessoas fora da Alemanha.

"A Alemanha está hoje mais integrada na divisão internacional da mão-de-obra do que qualquer outra economia comparável", diz um funcionário graduado do Ministério da Economia alemã.

A Festo, uma fabricante de motores para a área de tecnologia da automação, é um bom exemplo dessa tendência. Ela produz a maior parte de seus componentes na Alemanha, mas a montagem é feita localmente, em cada uma de suas 55 subsidiárias estrangeiras.

"O crescimento está fora do país, mas, através dele, empregos são garantidos na Alemanha. Nossa companhia vive da globalização", diz Eberhard Veit, CEO da Festo.

Na Flender, uma fabricante de engrenagens controlada pela Siemens, de 80% a 85% dos produtos acabam fora da Alemanha, e a empresa possui unidades de produção em várias partes do mundo. "Precisamos ir aonde nossos clientes estão, onde a demanda é gerada", diz o CEO Manfred Egelwisse.

Um sucesso global dessa magnitude levanta questões. O que levou a isso? Por quanto tempo vai durar? A economia alemã é toda beneficiada? E qual é o impacto na sociedade se os alemães se sentem excluídos dos benefícios?

Uma explicação está na natureza do boom econômico mundial. Para Elga Bartsch, economista do Morgan Stanley, "empresa alemãs se beneficiaram em proporção exagerada do que é principalmente uma alta dos investimentos".

Como a engenharia responde por uma parte maior do PIB na Alemanha que em economias compa ráveis, o país se beneficiou mais do crescimento global puxado pelos investimentos. As empresas alemãs vêm fornecendo as máquinas e veículos que as economias de crescimento mais acelerado estão usando para construir suas fábricas, frotas e infraestrutura.

Os ganhos não são só das grandes empresas. Na Alemanha, os maiores beneficiados pela globali zação têm sido as pequenas e médias empresas, as chamadas Mittelstand. Embora pequenas, as mais bem-sucedidas são altamente especializadas e costumam liderar nichos de mercados. "Em nenhum outro país há tantas empresas especializadas como na Alemanha", diz Kleinfeld, da Siemens.

A maior escavadeira do mundo, por exemplo, que será usada na construção de dois túneis gigantes na China, está sendo montada em Xangai pela Herrenknecht. A companhia tem menos de 1.500 funcionários e vendas de € 384 milhões, sendo 92% fora da Alemanha. Décadas de know-how acumulado fizeram dessas empresa, sempre referidas como "campeãs ocultas", em oponentes formidáveis aos novos concorrentes. Por serem tão especializadas, a única maneira de gerar economias de escala é atuar globalmente.

Uma pesquisa do instituto IfM para as Mittelstand mostra que* 98% das pequenas e médias empresas têm hoje exposição internacional, uma alta de 15% em dez anos. Conforme diz Manfred Wit-tenstein, presidente da fabricante de engrenagens VDMA, "a globalização está ajudando a Alemanha a descobrir no que ela é boa".

Outro fator no sucesso das empresas alemãs é a competitividade reconquistada. Graças a comedi-mento nos salários, maior número de horas trabalhadas e terceirização seletiva das tarefas de baixo valor agregado, os custos unitários com a mão-de-obra na Alemanha estão estagnados desde 2000. Na zona do euro, subiram quase 6%.

Isso tem permitido às empresas alemãs ampliarem participação de mercado, apesar da força relativa do euro. O índice de desempenho de exportação, que mostra a participação dos produtos alemães nas importações de outros países, caiu entre 1995 e 2000, mas vem subindo desde então. "Italianos e franceses me dizem que nos tornamos tão competitivos que os estamos literalmente matando", diz uma autoridade do governo alemão.

A Continental, fabricante de autopeças, conseguiu tal recuperação. No começo desta década, era alvo de takeover e trabalhava com altos custos em relação aos asiáticos. Desde então, grande parte da produção foi transferida para países de baixo custo, e os lucros dispararam. O preço das ações subiu seis vezes nos últimos três anos.

Mas ser um "Exportweltmeister" (campeão mundial de exportação) não é algo isento de riscos na Alemanha. "Nosso sucesso implica no bom funcionamento dos mercados", diz Gunter Schall, diretor da BDI, a federação das indústrias da Alemanha. "A menor distorção pode ter efeitos devastadores."

O fracasso em obter um acordo na Rodada Doha; os acordos bilaterais exclusivos, do tipo que agora ? proliferam na Ásia; o grande aumento do custo da energia e das matérias-primas; políticas comerciais que distorcem os preços das matérias-primas; o gargalo das rotas internacionais de transporte; o crescente protecionismo, a falta de padrões globais de proteção à propriedade intelectual; e a redução do ritmo do ciclo econômico global são potenciais ameaças hoje.

Mas a maior das ameaças está no descolamento da bem-sucedida Alemanha corporativa da economia alemã como um todo. Apesar da recuperação, o crescimento econômico continua lento pelos padrões americanos. Embora o lucro das empresas tenha crescido muito, o desemprego é alto, em 9%. Entre pessoas de baixa capacitação, o desemprego de longo prazo atingiu proporções endêmicas.

"Você pode colocar isso de uma maneira dialética", diz Michael Hüther, presidente do instituto DIW, patrocinado pelas empresas. "Somos os campeões mundiais na exportação de produtos e somos os campeões europeus do desemprego no que se refere aos trabalhadores de baixa capacitação. Estes são os dois lados da moeda."

O setor de serviços não consegue criar empregos na mesma rapidez que o setor industrial se desfaz deles. O consumo estagnado e a atividade fraca na construção vêm afetando o crescimento e agem como freio na economia européia. Embora os investimentos corporativos tenham se recuperado desde 2000, pesquisas mostram que investimentos prioritários ainda estão voltados para fora do país.

"A globalização tem sido boa para as companhias alemãs; mas não tem sido para a economia co mo um todo", diz Roland Berger, da consultoria que leva seu nome.

No lado positivo, reformas trabalhistas recentes e a proliferação de acordos de salário e períodos de trabalho flexíveis entre empresas e sindicatos tornaram o mercado de trabalho da Alemanha mais atraente para produtores. Quando a Linde, que atua nos setores de empilhadeiras e gases industriais, ameaçou transferir sua produção para fora da Alemanha, por exemplo, os trabalhadores fizeram concessões para salvar os empregos.

Ainda assim, o número de em pregados na indústria cai constantemente há mais de uma década.
A globalização libertou a indústria dos grilhões das condições domésticas. Embora façam lobby junto ao governo por leis trabalhistas mais flexíveis e impostos menores, os empresários estão mais livres para buscar mão-de-obra barata, financiamentos mais fáceis, consumidores mais ricos e modelos legais menos rígidos.

Helmut Kormann, CEO do grupo de engenharia Voith, diz: "As companhias estão perto de regis trar os melhores anos de suas histórias. Mas ninguém contrata ninguém. Tudo relativo à economia doméstica está indo mal. Mas a indústria alemã vai bem quando a economia mundial vai bem".

O caso da Heraeus, maior comerciante de metais preciosos do mundo, reforça essa tendência. No ano passado, criou 779 empregos no mundo, tendo 10,6 mil funcionários. Apenas 30 desses empregos foram criados na Alemanha.

A fraca demanda interna virou um incentivo para as empresas alemãs tentarem a sorte fora do país.

Talvez o maior desafio para os líderes alemães seja garantir que os frutos da globalização sejam distribuídos melhor, ao mesmo tempo em que cuidam para não minar a capacidade das companhias de colherem esses benefícios.

O fracasso em conseguir isso não só ameaçará a atual recuperação econômica, como levará a uma quebra da coesão social, com implicações políticas. Pesquisas já mostram que o medo do desemprego e a queda da renda são as principais preocupações dos ale mães. Essa tendência aumenta uma corrosão gradual do apoio aos grandes partidos políticos do país e beneficia os extremistas.

Leia mais

OCDE vê perspectivas melhores para o país, mas pede

Estão melhorando as chances de que a Alemanha desfrute uma robusta recuperação e de que o governo do país venha a optar por mais reformas estruturais para fazer crescer a demanda doméstica e o emprego, disse a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

A avaliação otimista é anunciada num momento em que a economia alemã mostra sinais de recuperação. Acredita-se que o crescimento das exportações continuará sendo a força motriz neste ano e que será um fator significativo de crescimento econômico em 2007. A OCDE também prevê que as famílias alemãs provavelmente gastarão mais neste ano.

"Após anos de baixo crescimento e fraca demanda, a Alemanha pode, agora, estar em condição de desfrutar uma recuperação vigorosa", disse a OCDE em sua análise da economia alemã. "Embora o desempenho do crescimento tenha sido moldado, em muitos anos, por uma dicotomia de exportações relativamente vigorosas e de manda interna fraca, recentemente surgiram sinais de que a demanda interna está aquecendo."

Na semana passada, a organização previu para a Alemanha um crescimento não ajustado de 1,6% em 2006, numa projeção inalterada em relação à anterior. Para 2007, a OECD reduziu sua previsão de 1,6% para 1,5%. Essas previsões são mais animadoras do que as do governo alemão, que espera um crescimento não ajustado de 1,6% em2006 e de 1% em 2007.

Entretanto a OCDE advertiu que as perspectivas para os gastos do consumidor, que tolheram o crescimento alemão nos últimos anos, não são muito positivas, em parte porque o governo planeja elevar o imposto federal sobre o consumo de 16% para 19% em 2007.

"O consumo das famílias provavelmente ganhará impulso em 2006, embora o emprego vá crescer apenas gradualmente e o crescimento da rendas reais disponíveis devam permanecer contidas", segundo a OCDE. "O crescimento provavelmente sofrerá alguma desaceleração em 2007, à medida que o aumento do imposto sobre o consumo vier a pesar no bolso das famílias, reduzindo o crescimento do PIB em 0,25 ponto percentual."

A alta do imposto sobre o consumo deverá também elevar a taxa de inflação alemã em um ponto percentual, e a OCDE acredita numa taxa de repasse de aproximadamente 66% para os preços.

A OECD disse também que "a manutenção do aquecido cresci mento do comércio mundial e as condições monetárias favoráveis são importantes fatores externos que podem dar sustentação a um crescimento mais robusto".

Mas a organização advertiu que o encarecimento do petróleo "representa um risco adverso para a demanda doméstica".

Em seu relatório de 147 páginas, a OCDE exorta o governo alemão a prosseguir com reformas para estimular as forças de crescimento.

"Maior avanço em reformas econômicas poderia transformar essa retomada cíclica numa expansão sustentada, em que condições mais aquecidas de oferta e rendas permanentes mais altas realimentariam a economia, as sim criando uma demanda cor rente mais aquecida", diz.

"O desafio com que se defronta a Alemanha, nesse contexto, é melhorar seu desempenho em diversas áreas — gerando maior crescimento do emprego e da produtividade, assegurando a sustentabilidade das finanças do setor público —, ao mesmo tempo preservando o que poderia ser uma genuína recuperação envolvendo mais que apenas o setor exportador. Para isso, é necessária uma estratégia abrangente."

A OCDE também defendeu que o governo alemão reduza seus déficits orçamentários contendo seus gastos. "Uma política de consolidação crível é necessária, vinculando controle de gastos com uma reforma do setor estatal", disse o relatório.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 8 jun. 2006, Especial, p. A12.